



RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Personagens (por ordem de entrada)

Ryokai
Saburobei
Mãe
Velho I
Velho II
Oyumi
Velho III
Guarda
Velha
Sábio
Jovem I
Jovem II
Jovem III

CENA I

Luz tênue. Enquanto a plateia entra, Ryokai e Saburobei estão em cena, brincando de “vivo-morto”. Têm a mesma idade, dez anos. No alto de uma escada, um ator-manipulador vestido de negro manipula um boneco igual a Saburobei. A um dado momento, o boneco é jogado ao chão. A partir daí, Saburobei não atende mais ao comando de “vivo”, apesar da insistência de Ryokai. Manipulador sai de cena com escada. Ryokai também sai, assustado.

Ouve-se um canto bem suave e triste. Cortejo fúnebre cruza o fundo do palco. A cena congela. Um integrante do cortejo toma nos braços o corpo inerte de Saburobei e acomoda-o na padiola trazida pelo cortejo. O boneco permanece no chão.

Ryokai (voz off): Olá, eu me chamo Ryokai. A história que eu vou contar não é toda triste assim, não. É que eu tinha que começar de algum jeito, então resolvi começar do princípio, mesmo ele sendo triste.

Ryokai volta. Olha para a cena congelada.

Ryokai (voz off): Esse bonito aí sou eu. Bem, era eu quando tinha 10 anos. Prá quem é pequeno pode parecer muita idade. Mas quem é grande não acha tanto assim. Nesse dia aí, com 10 anos, eu tomei uma decisão importante, que iria mudar toda a minha vida. Aquele lá atrás deitado é meu melhor amigo, Saburobei. Eu estava ali justamente pensando em como seria bom se pudesse, ainda, trocar umas palavrinhas com ele.

Saburobei levanta-se da padiola, meio a contragosto. Agora está descalço. Cortejo some atrás.



RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Saburobei: Ai, Ai, Ai, meu Deus, quanta impertinência. Mas será possível que nem depois de morto você me deixa em paz.

Ryokai: Me desculpe, meu bom amigo, mas o fato de você ter morrido, assim tão de repente, só aumentou a minha curiosidade.

Saburobei: Lá vem você com essa conversa fiada.

Ryokai: Mas, Saburobei, você não pode simplesmente morrer, e me deixar aqui nesta expectativa toda.

Saburobei: Que mania, querer saber prá que serve morrer. A gente nasce, cresce e morre. É só isso! É assim que deve ser!

Ryokai: Mas pensa bem! Se é só isso, de que valem todas as dores de barriga, de dentes, de cabeça? Todas as broncas, as notas ruins no colégio, os deveres de casa? Os remédios contra vermes, piolho? E os amigos que a gente perde (põe a mão no ombro de Saburobei)...

Saburobei: A vida serve prá gente aprender, Ryokai. Com tudo que a gente vive. A gente sempre morre mais inteligente do que nasceu, sabia?

Ryokai: Tanto conhecimento não adianta nada se vamos morrer de qualquer jeito. Além do mais, imagina o quanto poderíamos aprender se a gente vivesse para sempre.

Saburobei: Seria horrível! Teríamos um mundo cheio de velhos.

Ryokai: Muito, muito, sábios...

Saburobei: E sem saber o que fazer com tanto tempo sobrando.

Ryokai (Desembainhando uma espada imaginária): Pois eu saberia muito bem o que fazer com meu tempo, seu fracote. Em guarda! Sabe quantos golpes novos cabem numa eternidade?

Saburobei: Nunca todos os golpes possíveis, seu inútil (desembainhando a sua espada imaginária). Há sempre um golpe baixo capaz de nos surpreender.

Simulam uma luta de espadas. Por fim, Saburobei vence, levando Ryokai ao chão, desarmado.

Ryokai (Exausto, ainda no chão): Você luta melhor do que eu até depois de morto.



RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Saburobei: Prá você ver que o que importa não é o tempo que se vive, mas como a gente aproveita ele.

Ryokai (Enxugando suor da testa): Ufa! Este verão não está moleza!

Saburobei: Não sinto calor. Nem sede. É estranho... (Quase desmaia.)

Ryokai (Levantando-se para amparar o amigo.): Ei, desmaiar não é muito honroso para um guerreiro.

Saburobei: Sabe aquela árvore...

Ryokai: De onde você caiu?

Saburobei: Lá em cima, olhando o mundo lá do alto, tudo parecia ser bem menor do que a gente vê quando está embaixo.

Ryokai: Agora é você quem está falando besteira.

Saburobei: Acho que eu entendi a importância de olhar para baixo...

Ryokai (Olhando para cima.): Vai chover...

Saburobei: E bastou só um segundo para isso...

(Começa uma forte ventania. Cortejo reaparece no fundo)

Saburobei: Preciso ir. Não posso ficar aqui. (Tira uma medalha de ouro do pescoço, colocando-a em Ryokai). Prá te proteger. (Pega o boneco) Adeus! Não perca muito tempo pensando no futuro. Você ainda precisa casar e ter filhos antes de ter netos. (Vai em direção ao cortejo).

Ryokai: Mas..., mas você nem me contou como é do outro lado!

Saburobei (Senta-se na padiola e fala à moda dos ventríloquos, manipulando o boneco): Era uma vez uma vaca vitória; a vaca morreu, acabou-se a estória. (Ri e deita-se na padiola.)

(Cortejo sai. Tempestade aumenta. Ryokai sai, empurrado pelo vento)

Ryokai (voz off): Foi assim que, nessa noite de ventos terríveis, eu decidi que iria fazer de tudo para encontrar o lugar onde não se morre.

RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

(Uma pipa muito colorida passa voando pelo palco, com a ponta da linha solta, partida. Ventania passa)

CENA II

Acende luz em mãe de Ryokai. Ela tem à sua volta algumas flores. Está montando um ikebana com elas. Entra Ryokai com um saco de viagem às costas e uma espada amarrada à cintura. Tem agora 17 anos. Senta-se ao lado da mãe.

Mãe: Há certas coisas que uma mulher não pode explicar a um homem, mesmo se ele for seu filho. Você tem certeza de que é isso que você quer Ryokai? (Ryokai abaixa a cabeça fazendo que sim. Ela o afaga, pousando sua cabeça no colo.) O que pode uma mãe contra a certeza de um filho e seus dezessete anos? Vai! Eu te abençoo! (Dá-lhe um beijo na testa.) Mas, escuta: mesmo a borboleta, que foi feita para voar, deve voar entre as flores bem fincadas no chão, para não se perder no caminho. (Ele se põe de pé e afasta-se da mãe.) E, filho... Não tenha vergonha de voltar, se sentir saudades.

CENA III

Música. Ryokai faz mímica de caminhada e, ao seu redor, atores vestidos de negro manipulam flores e paisagens de origami (vulcões, lagos, florestas, etc.), dando a impressão de que o nosso herói já está bem longe de casa. Aos poucos, Ryokai demonstra sinais de cansaço. Para. Os manipuladores desenrolam um pedaço de pano azul aos seus pés. Ele se abaixa para beber água.

CENA IV

Entra Velho I, com barba até a barriga. Empurra um carrinho de madeira repleto de tijolos.

Velho I: O que faz um jovem tão forte perder seu precioso tempo aí parado?

Ryokai: Falou comigo, senhor?

Velho I: Não bobão, com sua imagem refletida na água...

Ryokai: Nesse caso, deixarei que ela lhe responda. (levanta-se e pula o pano azul).

Velho I (chega perto do pano para olhar): Pronto! Lá foi ela em sua viagem pelo mundo dos espelhos. Não mais poderei ouvi-la.

Ryokai: Onde estou, senhor?

Velho I: Entre alguma coisa que deseja ser e alguma coisa que pensa que é.



RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Ryokai: Não estou entendendo suas maluquices! Não pode simplesmente me dizer que lugar é este?

Velho I: Não era isso que você deveria me perguntar...

Ryokai: Como assim? O senhor me conhece? Sabia que eu vinha?

Velho I: Tolo! Jovem e tolo! Não está vendo minha carroça? Não quer saber para que tantos tijolos?

Ryokai: Bem...

Velho I: Não me interrompa, seu mal-educado! Onde está seu respeito? Eu poderia ser seu avô...bisavô...não, tataravô!

Ryokai (interessado): Como assim?

Velho I: Como assim o quê?

Ryokai: Quantos anos o senhor tem?

Velho I: Já sou velho o suficiente para não lembrar.

Ryokai: Mas então eu estou no caminho certo! É com o senhor mesmo que eu quero falar! Quer dizer... eu vou tentar me explicar... Sabe, desde bem pequeno eu tenho uma curiosidade sobre assim... há... sobre... o sentido da vida! É isso, o sentido da vida!... Eu sempre me perguntei porque diabos a gente tem que fazer tantas coisas o tempo todo e no final das contas...

Ryokai é interrompido pelo som do roncar de Velho I que dorme em pé.

Ryokai: Ei, acorda! O senhor está me ouvindo?

Velho I (num susto): Sim, sim, sim, sim! É assim! Tijolo sobre tijolo! Argamassa bem firme! Nada de moleza! Dez fazem uma dezena, cem, uma centena. Então eu quero mil! Nada de moleza!

Ryokai: Senhor! Senhor! Calma! Está tudo bem! Estamos aqui, conversando um pouco...

Velho I: Conversando? Eu não podia; não podia. Tenho que voltar ao trabalho!

Ryokai: Antes me responda, por favor!

Velho I: Qual foi mesmo a pergunta?

Ryokai: Que lugar é este?

Velho I: Que importância tem?

Ryokai: É que eu procuro o lugar onde não se morre.

Velho I: Ah, é só isso?

Ryokai: O senhor sabe onde fica?

Velho I: Olha, se não quer morrer, fique comigo. Está vendo estes tijolos? Com eles estou construindo o maior palácio que já se viu! Tão grande que levará muitos anos para ficar pronto. Até lá, não morreremos.

Ryokai: Mas para que serve um palácio deste tamanho?

Velho I: Ora, para morarmos com o máximo conforto.

Ryokai: Quantos anos levará para ser concluído?

Velho I: Pelo menos, mais uns cem.

Ryokai: E depois disso?

Velho I: Depois morreremos. Não lhe basta?

Ryokai: Não. Quero o lugar onde não se morre.

Velho I: Neste caso continue sua viagem e me deixe trabalhar em paz! O que pode um velho contra a certeza de um jovem e seus vinte e três anos? Siga o curso do rio, ele lhe mostrará o caminho.

(Os manipuladores desenrolam mais metros de pano azul, até que o rio suma por uma das coxias. Ryokai o acompanha e sai de cena)

Velho I: Leve sua imagem com você!

Manipuladores reenrolam pano azul atrás de Ryokai e também somem.

Velho I: Mas que distraído...

CENA V

Velho I vai até sua carroça e empurra-a com surpreendente vigor para o lado oposto ao de Ryokai. No entanto, próximo à saída, para e ronca novamente.

Entra Velho II, gordo, com a barba até os joelhos, empurra de marcha à ré uma carroça cheia de sacos de arroz. Entra gritando, meio sem jeito, como se tivesse perdido o controle da carroça. Para abruptamente, deixando cair alguns sacos de arroz no chão. Com o barulho, Velho I acorda e continua seu caminho até sumir na coxia.

Velho II: E essa agora! Que desperdício! (Põe-se a catar o arroz caído, devolvendo-o aos sacos.) Não pode haver arroz branquinho amigo de terra tão escura. Não, não. Assim, bem separados hão de ficar, até o dia que eu puder aguentar. Arroz dentro e terra fora. Arroz por cima (come alguns grãos) e terra por baixo (pisa com força no chão)! Bem, vamos anotar. (pega um bloquinho e um lápis e conta os sacos, registrando no papel). Um milhão, quatrocentos e trinta e dois mil, oitocentos e quatro; um milhão, quatrocentos e trinta e dois mil, oitocentos e cinco...

Entram manipuladores desenrolando pano azul. Ryokai atrás, segue o curso do rio. Está um pouco mais velho, com costeletas e cavanhaque. Vê Velho II contando os sacos.

Ryokai: Com licença!

Velho II: Um milhão, quatrocentos e trinta e dois... Shhii! Silêncio! Mil, oitocentos e nove...

Ryokai: Desculpe, mas...

Velho II: Não me interrompa! Um milhão...

Ryokai: Senhor, eu sei que...

Velho II: Não, não, não, não tenho esmolas! Não dou esmolas, é uma questão de princípios! Quatrocentos e trinta...

Ryokai: Mas eu não vim pedir nada; quer dizer, não esmolas.

Velho II(para de contar e olha para Ryokai): Ah, não? (examina-o bem.) Não, não é. Não um homem maduro e sério como o senhor...

Ryokai (só agora notando sua própria mudança): Eu?

Velho II: Quantos anos tem, meu caro? Vinte e sete? Trinta?

Ryokai: Procuo o lugar onde não se morre. O rio me trouxe até aqui.

RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Velho II deixa explodir uma sonora gargalhada. Vindo de fora ouve-se o canto alegre de uma voz feminina. Oyumi entra em cena de bengala. É uma linda mulher cega.

Velho II: Que desagradável! Outro pedinte! Esta floresta está cheia dessa gente!

Ryokai (cochicha com velho): Mas como o senhor pode ser tão grosseiro. Não está vendo que ela é cega?

Velho II (bem alto): E daí que é cega? Pode muito bem pedir com a boca. E mesmo que fosse muda, poderia pedir com as mãos. E ainda que fosse maneta, poderia...

Ryokai: Velho ranzinza é o que o senhor é. Por aqui, senhora. Podemos ajudar?

Velho II: Oh, que desagradável! (volta a contar os sacos.)

Oyumi: Meu nome é Oyumi, gosto de andar pela floresta. Não se preocupe comigo. Estou só de passagem...

Ryokai: Não tem medo de andar por aí, sem poder enxergar?

Oyumi: Floresta mais escura é a alma do próximo. Disso não podemos fugir, não é?

Velho II: Um milhão, quatrocentos e trinta e... Onde foi mesmo que eu ouvi isso?... Dois mil, oitocentos...

Ryokai: Muito prazer, Oyumi. Eu me chamo Ryokai. Você conhece bem esta floresta?

Oyumi: Melhor do que se tivesse olhos.

Ryokai: Pode me ensinar como se chega ao lugar onde não se morre?

Oyumi: Não entendo o que quer dizer.

Ryokai: Ora, mas é tão fácil... Não é possível que não exista, em algum canto deste planeta, um lugar onde...

Velho II: Quatrocentos e trinta e dois mil... Ai, ai, ai será que vocês não têm outro lugar para conversar? Eu preciso de concentração! Concentração!

Ryokai: Olha, eu sei que o senhor... Mas é que eu...



RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Velho II (imitando jeito de criança birrenta falar): Preciso encontrar o lugar onde não se morre! Meu Deus! Você está tão tomado por essa ideia fixa que não enxerga um palmo adiante do nariz!

Ryokai: Como assim?

Velho II (apontando para o lado de onde entrou em cena): Veja! Olhe aquele enorme campo de arroz com brotos verdinhos, prontos para serem colhidos! Olhe como ele vai até quase o infinito, bem depois do horizonte!

Ryokai: Oh, sim; é mesmo muito bonito!

Velho II: Não é de beleza que eu estou falando! Quanta ingenuidade! Você já está na idade de ser mais esperto!

Oyumi: Se vocês me dão licença, eu só estava mesmo de pas...

Velho II: Fique onde está, menina! (Para Ryokai) Se quer achar o lugar onde não se morre, fique comigo. Até colher todo este arroz, tantas vezes que o campo seque e não seja mais que um monte de lama, não morreremos.

Ryokai: Mas para que vamos querer tanto arroz?

Velho II (Sério): Nunca teremos fome.

Ryokai: Quantos anos levaremos para colher tudo?

Velho II: Pelo menos, uns duzentos!

Oyumi: E depois?

Ryokai (Olha para ela e sorri): É, e depois?

Velho II: Depois morreremos. De pança cheia.

Ryokai: Obrigado. Mas não é isso que procuro. Eu preciso...

Velho II (Imitando criança birrenta): Encontrar o lugar onde não se morre! Então vai! Vai logo! Anda, anda. O que pode um empreendedor contra a certeza de um visionário?

Manipuladores continuam desenrolando o pano azul até saírem pelo lado oposto ao que Ryokai entrara nesta cena. Ryokai segue o rio e some na coxia também.

Velho II: Leve sua amiga chata com você!

Ryokai volta. Pega Oyumi nos braços e a leva de cena. Ainda segue o rio. Manipuladores reenrolam o pano atrás de Ryokai. O rio some.

Velho II: Se merecem esses dois... O homem mais feliz é aquele que está mais só. Onde foi mesmo que eu ouvi isso? Um milhão, quatrocentos e trinta e dois mil, oitocentos e dezoito! (Conclui. Puxa a carroça de marcha à ré e cruza o palco com ela, gritando por perder o controle devido ao peso excessivo. Some na coxia.)

CENA VI

Manipuladores cruzam a cena desenrolando uma faixa de pano verde no chão. Ryokai e Oyumi entram de mãos dadas, seguindo o pano.

Oyumi (Para): Espere, Ryokai. Não está sentindo?

Ryokai: O quê?

Oyumi: Cheiro de maçãs. Por ali (guia Ryokai). Que delícia...

Ryokai: Não sinto nada, vamos voltar para o rio.

Oyumi: Não sente o cheiro do outono? O frescor da floresta? Por ali...

Ryokai: Não sinto nada...

Oyumi: Estranho... Para mim é tão vivo! Por ali...

Manipulador entra em cena carregando um bonsai em cuja base, acomodadas sobre a terra, estão duas lindas maçãs vermelhas. Passa pela frente de Oyumi, que o segue excitada.

Oyumi: Por ali, por ali, que delícia...

Outro manipulador traz uma escada igual à da primeira cena, no alto da qual instala o bonsai. Manipuladores saem.

Ryokai: Você tinha razão. Lá estão. Agora posso ver.

Oyumi: Vá pegar, Ryokai.

Ryokai: Mas... É muito alto...

RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Oyumi: Por favor! Você também está com fome, não está?

Ryokai: Podemos encontrar outra coisa para comer.

Oyumi: Ora, não seja medroso. Seria pouco educado não aproveitar o banquete que a natureza nos oferece...

Ryokai: Bem, sabe, é que eu... nunca te contei... Mas eu tive um amigo...

Oyumi: Agora, não, Ryokai, por favor. Depois eu ouço sua história. Vamos comer, estou faminta! (Tateia com a bengala em direção à escada).

Ryokai: Ei, calma! Calma! (Alcança-a). Está bem. Eu vou.

Suspense. Ryokai vai vencendo o medo de subir a escada, degrau a degrau.

Ryokai (Voz Off): Oyumi não entendia porque eu estava com tanto medo. Ela não sabia que Saburobei, meu grande amigo, morrera ao escorregar de uma árvore alta como aquela. Eu ia subindo e pensando em como o medo da gente é difícil de explicar para os outros.

Ryokai (De cima da escada.): Oyumi!

Oyumi: Você conseguiu?

Ryokai: Se eu morresse agora, você iria continuar procurando o lugar onde não se morre?

Oyumi: Ora, não seja tão dramático...

Ryokai: Você continuaria procurando?

Oyumi: Sim... Acho que sim... Se você quisesse...

Ryokai: Olhando daqui tudo é realmente muito menor (Pega as maçãs.)

Oyumi: Você conseguiu?

Silêncio.

Oyumi: Você conseguiu?

Silêncio.

Oyumi: Ryokai, você está me ouvindo?

RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Ryokai: Sim. Peguei as maçãs.

Oyumi: Agora desça. Eu não seria capaz de encontrar sozinha o lugar onde não se morre. Mesmo se você quisesse.

Ryokai desce com uma agilidade incrível. Aproxima-se de Oyumi. Põe as maçãs em sua mão.

Oyumi: Podemos comer juntos.

Sentam-se. Saboreiam juntos uma das maçãs, enquanto manipuladores retiram a escada e o bonsai.

Ryokai: Assim de pertinho você fica mais bonita ainda...

Oyumi: O perfume da sua boca é o mesmo das maçãs.

(Riem)

Ryokai: Tive medo de morrer.

Oyumi: E eu, que você morresse.

Beijam-se. Oyumi vai começar a comer a segunda maçã. Ryokai a impede.

Ryokai: Vamos deixar esta para mais tarde, ainda temos muito para andar.

Oyumi: Você tem razão. (Guarda a maçã. Levanta-se.) Devemos continuar na direção do outono.

Ryokai (Levantando-se.): Desse jeito vamos direto para o inverno.

Oyumi: Não há outra maneira.

Ryokai: Por ali...

Vão sair, seguindo o curso do pano verde. Surge um imenso leão, manipulado. Circunda-os como que farejando algo. Ryokai se coloca entre Oyumi e o animal. A moça, porém, com extrema delicadeza e coragem, desvencilha-se e estende uma mão com a maçã que sobrara. O leão se aproxima, manso, lambe-lhe a mão. Oyumi joga a maçã para fora de cena. O leão sai de cena atrás do fruto.

Oyumi: Fácil vem, fácil vai! (Ri.)

Ryokai: Não foi tão fácil, assim... (Ri.)

(Saem)

CENA VII

Manipuladores espalham flocos de isopor pelo palco. Recolhem pano verde. Neva. Entra Velho III, de barba até os pés. Empurra uma carroça vazia. Deixa-a parada em cena. Vai e volta da coxia, trazendo sacos cheios de objetos dourados que parecem muito pesados. Empilha-os na carroça. Faz isso tudo rapidamente, como se evitasse ser visto. Em uma das suas saídas, manipuladores passam de um lado ao outro do palco, desenrolando um pano branco, de modo que tenhamos um rio congelado atravessando toda a cena. Ao voltar, velho III estranha o aparecimento repentino do rio. Mas tem mais o que fazer. Volta a trabalhar. Em sua próxima saída, entram Ryokai - ainda de costeletas e cavanhaque - e Oyumi abraçados, com muito frio. Vêm seguindo o rio. Velho III volta à cena com saco cheio nas mãos. Se assusta ao ver o casal e deixa cair o saco sobre os próprios pés, espalhando muitos objetos de ouro.

Velho III: Ai, ai, ai! Meus pés! Meus pezinhos! Viram o que vocês fizeram com meus pobres pezinhos?

Ryokai (Corre a ajudá-lo): O senhor está bem? Nós não tivemos intenção... (Começa a catar os objetos)

Velho III: Solta! Solta! (Dando tapinhas nas mãos de Ryokai.) É meu, está ouvindo? Muito meu! Meuzinho!

Ryokai: Desculpe... eu não queria...

Velho III: Não queria mais fez. Fez, sim! (Para Oyumi) A senhora está de prova! Como pode ser tão cínico? A senhora está de prova! Poderia ser minha testemunha?

Oyumi: Senhor, eu sou cega.

Velho III: Ah, é?

Oyumi: Ryokai e eu...

Velho III: Quem?

Oyumi: Ryokai, aquele ali. Bem, com licença, nós só estamos de passagem.

RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Velho II: Ah, mas agora é que não passam não! Não passam mesmo! Mesminho!

Ryokai: Vamos Oyumi, ele já está me deixando tonto! (Fazem menção de sair.)

Velho III (Puxando uma espada): Alto lá! Daqui vocês não passam! Não agora que sabem o meu segredo!

Ryokai e Oyumi (Juntos): Segredo?

Velho III: Segredo, sim! Segredo, segredinho! Pensam que podem comigo? Eu sou mais esperto que todos vocês juntos!

Ryokai: Nós somos só dois, senhor!

Velho III: Ah, é? Só dois? (Guarda a espada).

Oyumi: E um de nós é mulher.

Velho III: Esta é a mais perigosa! Muito cuidado, cuidadinho com ela. (Nota a medalha de Ryokai) Que bela medalha traz em seu peito!

Ryokai: Obrigado. Foi presente de um amigo.

Oyumi: Vamos, Ryokai, estou com muito frio!

Velho III: Aonde vão com tanta pressa, num inverno gelado, geladinho como este?

Ryokai: Estamos à procura do lugar onde não se morre.

Velho III: Não precisam mais andar.

Ryokai: Estamos perto?

Oyumi: Ryokai, ele não fala coisa com coisa. Vamos continuar. Está muito frio aqui!

Velho III: Perto, pertinho.

Ryokai: É por ali?

Velho III: Frio.

Ryokai: Por ali?

Velho III: Frio.

Ryokai (Aponta para a coxia de onde o Velho III trouxe os sacos de ouro): Ali?

Velho III: Esquentando...

Manipuladores, que ficaram durante toda a cena fazendo nevar, cessam.

Oyumi: Parou de nevar.

A partir deste momento, manipuladores vão limpando a neve do palco, eventualmente aproveitando para roubar algum ouro de Velho III.

Velho III: Agora é que não passam, não! Não passam mesmo! Mesminho! (Puxa espada novamente.)

Oyumi: Vamos embora, Ryokai. Estou com medo.

Ryokai: Não podemos desistir logo agora que estamos tão perto. (Para Velho III) O que é que o senhor tem? Tanta confusão por nada.

Velho III: Nada? Você chama de nada, nadinha, todo o meu tesouro?

Ryokai e Oyumi (Juntos): Tesouro?

Velho III: Sabe, meu caro, para se negociar com a Morte, é preciso um pouco, pouquinho de desonestidade... Não se pode ser muito sincero, sabe como é...

Oyumi (Confidente): Ryokai, ele não é digno de confiança, não devemos acreditar nele...

Ryokai (Também baixo): Vamos deixar ele falar.

Velho III: O que vocês tanto cochicham? Pensam que podem comigo? Eu sou mais esperto que todos vocês juntos!

Oyumi: Ai, outra vez?

Ryokai: Como se negocia com a Morte?

Velho III: Muito simples. Comprando.

Ryokai e Oyumi (Juntos): Comprando?

RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Velho III: É seus bobos, bobinhos!. Comprando médicos para que façam os melhores remédios. Comprando sacerdotes para que façam as melhores orações. Comprando os melhores adivinhos para enganarmos o acaso. Comprando guardas para que façam os melhores cofres, as melhores armas, as melhores armaduras. Tudo do melhor! Sabem para quê? Sabem para quê?

Oyumi: Para quê? Para quê?

Velho III: Para mantermos a Morte ocupada. Enquanto tivermos ouro, não morreremos.

Ryokai: E quando o ouro acabar?

Velho III: Ora, isto levaria, pelo menos, trezentos anos!

Ryokai: Mesmo assim, chegaria o dia.

Velho III: Não precisamos pensar nisso. Pagamos a alguém para pensar.

Ryokai: Obrigado, mas não é isso que procuramos. Eu quero descobrir o lugar onde não se morre.

Oyumi: Além do mais, o senhor não parece muito feliz desse jeito.

Velho III: Ninguém falou em comprar felicidade. Sua ignorante, ignorantezinha!

Ryokai: Não fale assim com ela!

Velho III: Eu falo do jeito que bem entender! Quem manda aqui sou eu!

Oyumi: Deixa prá lá, Ryokai. Vamos embora.

Velho III: Alto lá! Nada de pressa, apressadinha! Guarda! (Agarra Oyumi e ameaça-a com a espada. Recua com ela em direção ao rio congelado.)

Entra Guarda de Velho III. Trava um duelo com Ryokai. A luta deve lembrar a da Cena I. Desta vez, porém, as espadas não são imaginárias. Ryokai consegue desarmar o guarda. Este foge. Sai de cena.

Ryokai: Deixa ela em paz! O que você quer? Não temos dinheiro!

Velho III: A medalha! A medalhinha!

Ryokai (Tira a medalha do pescoço): Primeiro solta ela!

RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Velho III: Não, primeiro a medalha! A medalhinha!

Oyumi: Joga a medalha Ryokai! Por favor!

Manipuladores substituem rio branco por rio vermelho. Ryokai joga a medalha na direção do Velho III. Este, no ímpeto de pegar o cordão, solta Oyumi, mas perde o equilíbrio caindo no rio. Oyumi, por sua vez, tendo deixado a bengala cair, desorienta-se e cai, também, no rio.

Ryokai: Oyumi!

Oyumi: Socorro! Ryokai! A correnteza está muito forte!

Confusão generalizada. Manipuladores agitam rio vermelho. Oyumi e Velho III são levados pela correnteza. Ryokai mergulha, mas não consegue alcançar Oyumi. O rio vai, aos poucos, formando um redemoinho que arrasta para fora de cena não só a mulher e o velho, como também a carroça e os sacos de ouro. Ryokai consegue salvar-se por muito pouco. Restam em cena apenas nosso herói, chorando, e os sapatos de Oyumi e do Velho III.

CENA VIII

Ryokai (Voz off): Não pude fazer nada para salvar Oyumi. Fiquei ali, chorando e pensando em tudo que tinha acontecido comigo.

Durante esta fala, vemos passar ao fundo dois cortejos fúnebres. Ao final, a cena escurece.

CENA IX

Uma senhora simpática, Velha, cantarola. Prepara mesa para o chá. Cena clareia aos poucos; som de pássaros. Velha cata os sapatos de Velho III e Oyumi, colocando-os num grande saco cheio de outros sapatos. Entra Ryokai, visivelmente mais velho, com barba (ainda negra) e roupas esfarrapadas. Não vemos mais o rio.

Velha: Bom dia companheiro, aceita um pouco de chá?

Ryokai: É muita bondade, senhora. Mas preciso me apressar. Ainda estou longe do futuro.

Velha: Não se preocupe, ele vai esperar por você (ri).

Ryokai (Ofendido): Não vejo graça nenhuma nisso...

Velha: Me desculpe. Eu só acho que um pouco de conversa e chá relaxante não fazem mal a ninguém.



RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Ryokai: Depende. Quando não temos mais todo o tempo... (Olha para si mesmo). Agora sei bem o que é isso.

Velha: Acomode-se (Pausa). Por favor.

Ryokai senta-se sobre os joelhos, junto ao chá. Velha o serve.

Velha: É, você envelheceu mesmo, Ryokai.

Ryokai: Como sabe meu nome?

Velha: Sei muitas coisas sobre você e esta sua ideia maluca de achar o lugar onde não se morre.

Ryokai: Não tenho mais certeza de nada.

Velha (Pausa): Está começando a aprender.

Bebem em silêncio.

Ryokai: E você, como se chama?

Velha: Uns me chamam de Tempo. Outros de Morte.

Ryokai (Levantando-se, num susto): É você? Você! Em pessoa?

Velha: Olha que bagunça você fez! Calma, calma! Não gosto de barulho na hora do chá. Senta aqui.

Ryokai: Mas, mas...

Velha: Não. Não é a sua vez ainda. Sente-se!

Ryokai obedece.

Velha: Eu não minto nunca. Só estou aqui para conversar e tomar chá. Meu Deus, parece um bebê chorão! Eu só quero lhe agradecer.

Ryokai: Por quê?

Velha: Aquele velho sovina que você jogou no rio me enganou durante muito tempo, sabe?

RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Ryokai: Eu não joguei ninguém no rio. Foi um acidente.

Velha: Detalhes, detalhes, meu caro. O fato é que os sapatos dele e daquela sua amiga de nome complicado...

Ryokai: Oyumi.

Velha: Isto! O fato é que já estou com os sapatos deles na minha coleção (mostra o saco). E isto me deixa muito feliz.

Ryokai: Alegria de uns, tristeza de outros, né?

Velha: É. (Pausa). Quero lhe dar um presente por isso.

Ryokai: Como assim?

Velha: Já está na hora de você mostrar se consegue mesmo ou não achar o lugar com que tanto sonhou.

Ryokai: Me sinto sem forças.

Velha: Bem, isto vai depender de você.

Ryokai: E se eu nunca achar o lugar onde não se morre? Terei passado toda a vida procurando.

Velha (Levanta-se abruptamente e põe-se a guardar os objetos do chá): Você é mesmo bom nisso, rapaz! Chegou a me dar um frio na espinha!

Ryokai: Mas se eu estou justamente lhe dizendo que não sei mais o que quero...

Velha (Tira uma pequena pá do casaco e entrega a Ryokai): Tome. Adeus.

Ryokai: Por que está me ajudando?

Velha: A curiosidade também me consome. Quero ver onde isto vai dar. Adeus.

Entra em cena, manipulado, um enorme dragão colorido, serpenteando ao redor de Velha. Alegria.

Velha: Onde a Morte estiver, você encontrará a Vida! (Some de cena rindo, carregada pelo dragão.)

CENA X

Ryokai só em cena. Examina a pá por alguns instantes. Manipuladores desenrolam dois caminhos amarelos, paralelos, num mesmo sentido, cruzando a cena. Ryokai está entre eles. Pensa em escolher um dos dois. Hesita. Manipuladores desenrolam um terceiro caminho, cor-de-rosa, entre os outros dois, em sentido oposto. Ryokai é obrigado a pular para dar-lhes passagem. Manipuladores cruzam a cena. Ryokai decide-se pelo caminho do meio. Segue os manipuladores pisando sobre o rosa. Sai de cena. Manipuladores enrolam as estradas amarelas, restando apenas a cor-de-rosa no palco.

CENA XI

Ryokai entra pelo lado oposto ao que tinha saído na cena anterior e, ainda sobre o caminho cor-de-rosa, vai cruzar mais uma vez o palco. Também seguindo o pano rosa, em sentido oposto, entra Sábio, com muitos livros.

Ryokai: Por favor, sabe para que lado fica o lugar onde não se morre?

Sábio: Muito difícil de precisar, meu caro. De fato, em nenhum livro, revista, compêndio, enciclopédia, folha, bilhete, bloco, caderno, figura ou desenho a que tive acesso existem provas de que tal lugar possa existir realmente.

Ryokai (Desestimulado): Puxa!

Sábio: O que há são conjeturas... Nenhuma evidência sequer...

Ryokai: Conjeturas?

Sábio: Sonhos, delírios, imaginação fértil de alguns loucos, poetas, artistas.

Ryokai: Mas então alguém já pensou nisso?

Sábio: Não alguém, exatamente alguém, no sentido mais importante da palavra. Apenas um ou outro desocupado sentimentalóide, aqui e ali em tantos milênios de acúmulo do conhecimento científico. Gotas num oceano, partículas imprecisas e desprezíveis.

Ryokai: Bem, me permita discordar do senhor.

Sábio: Com que embasamento?

Ryokai: Não acho que seja assim tão inútil a gente poder pensar que um dia...

RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Sábio: Meu caro, não há um único motivo que justifique a existência de tal lugar! Até os ossos, músculos e vísceras dos seres humanos mais resistentes foram feitos para não durar além de uma centena de anos! Os recursos naturais do planeta se esgotariam rapidamente com tanta gente viva! Não haveria água, comida, espaço e nem paciência suficientes!

Ryokai: Mas será que a ciência não poderia encontrar uma forma...

Sábio (Olhando-o de cima à baixo): Prepotência! Absurda prepotência e falta de informação! (Sai retomando a direção do pano rosa pela qual entrara.)

Ryokai só. Silêncio. Sai seguindo o pano rosa em direção oposta ao Sábio. Manipuladores reenrolam pano rosa atrás de Ryokai. Fecha-se uma cortina violeta deixando apenas a metade dianteira do palco à vista.

CENA XII

Gritos de socorro ao longe.

Durante a próxima fala em off, atores passam pela cena com lanternas japonesas acesas, numa agitação silenciosa, murmurando eventualmente frases como: “Não é possível”; “Outra vez”; “Quem foi agora?”, etc.

Ryokai (Voz off): E desse jeito eu fui andando, sempre pelo caminho do meio. Passei por vários lugares, trabalhando como podia e ajudando as pessoas pobres e doentes. Já estava de cabelos brancos, mas não conseguia encontrar o lugar onde não se morre. Fazia tanto tempo desde meu encontro com a Morte que eu achava que aquilo tudo tinha sido apenas um sonho.

A esta altura, parados com suas lanternas, há três jovens em cena: Jovem I, com alguns tijolos pendurados na cintura; Jovem II, com um saco cheio de arroz nas mãos e Jovem III, com muitos anéis e cordões de ouro. Um pedaço do pano cor-de-rosa vem desenrolando da coxa e para próximo a eles. Ryokai entra correndo pelo caminho. É agora um senhor de cabelos e barba brancos, mas ainda conserva a altivez e alguma força da juventude. Traz a pá amarrada à cintura.

Ryokai: Vocês ouviram um grito de socorro?

Jovem I: Infelizmente sim, senhor. É o segundo só esta semana.

Jovem II: Pobres de nós; acabaremos numa cidade fantasma (Come alguns grãos de arroz.)

Ryokai: Quanto desânimo em homens tão jovens.

Jovem III: Por aqui aprendemos cedo que a felicidade não se compra, senhor.



RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Ryokai: Vocês me parecem velhos conhecidos.

Jovem I: Desculpe, senhor, mas o senhor poderia ser nosso avô. Não, bisavô! Não creio que tenhamos nos visto antes.

Ryokai: Isto não importa. Mas que tristeza toda é esta, afinal? O que está acontecendo?

Jovem III: Bem, senhor...

Ryokai: Ryokai.

Jovem II: Bem, senhor Ryokai...

Ryokai: Sem o senhor.

Jovem I: Bem, Ryokai... Há muitas gerações, nossas famílias chegaram neste lugar...

Jovens I, II, III vão se empolgando com a própria narrativa, assumindo um tom impostado, como numa radionovela.

Jovem II: De altas e escarpadas montanhas!

Jovem I: Construíram aqui uma bela cidade, com casas tão sólidas e grandes que mais pareciam palácios.

Jovem II: Aprenderam a plantar tudo de que precisavam; a terra abençoada tinha muita fartura.

Jovem III: Tanta que logo, logo, puderam começar a vender o que sobrava, acumulando verdadeiras fortunas!

Jovem I: Todos os povos do outro lado da montanha nos invejavam.

Jovem II: Mas, como o lado de lá, de rochas muito duras e pouca chuva, não se presta à agricultura...

Jovem III: ...Fomos assim, levando boa vida de pai para filho, de filho para neto.

Os três (Juntos): Até que um dia...

Jovem I: Um dia triste...

RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Jovem II: Um dia infeliz...

Jovem III: Um dia tenebroso!

Os três (Juntos): Aconteceu o pior!

Jovem I: O inimaginável!

Jovem III: O abominável!

Jovem II: Que desagradável!

Ryokai: Amigos, se há alguém em perigo, é melhor vocês se apressarem, essa pessoa já pode estar...

Os três (Numa confusão doída): Morta, arrasada, estrepada... Afogada! (Choram copiosamente.)

Ryokai: Afogada?

Choram mais alto.

Jovem I (Acalma-se e tenta consolar os amigos.): Naquele dia, que todos nós gostaríamos de esquecer, ocorreu lá do outro lado da montanha (Aponta para trás da cortina violeta)...

Jovem III: A maior!

Jovem II: A mais devastadora!

Jovem III: Avalanche de que se tem notícia!!!

Choram outra vez. Jovem III, querendo concluir logo:

Jovem III: Então a ponte caiu, metade da montanha caiu e a gente só consegue chegar do outro lado para ganhar nosso rico dinheirinho se arrastando pelas rochas.

Jovem II: Um passo em falso e pronto!

Jovem I: Lá vai o infeliz morro abaixo...

Jovem II: Se esborrachar nas pedras, ou...

Jovem III: Ou pior!



RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Jovem II: Se afogar no rio de águas agitadas que corre no vale lá embaixo.

Jovem III: Tão fundo, tão fundo, tão fundo, que nunca ninguém voltou...

Os três (Concluindo finalmente): Do fundo!

Ryokai: Porque não constroem uma ponte nova?

Jovem I: Não é possível. Não há engenharia que seja capaz.

Ryokai: Mas deve haver um jeito.

Jovem I: Com todo o respeito por sua idade, disse eu entendo. Não é possível.

Jovem III: Temos que nos sujeitar a esta situação constrangedora que nenhum dinheiro pode resolver.

Ryokai: A não ser...

Jovens I e III: A não ser...

Jovem II: Nada podemos fazer!

Ryokai: Nem parece que sou eu o velho aqui. Um homem acaba quando acaba sua vontade.

Jovem II: Nos poupe da sua filosofia barata; já estamos bem contrariados!

Ryokai pega a lanterna de Jovem III.

Ryokai: Esperem aqui! (Sai pelo caminho rosa. O pano some pela coxia junto com ele.)

Jovem III: Ele roubou minha lanterna!

Os três (Juntos): Atrás dele! (Saem de cena).

CENA XIII

Os três jovens voltam e cruzam a cena chamando por Ryokai. Atrás do pano violeta, uma luz se acende, revelando a sombra enorme de Ryokai, cavando com sua pá.

RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Ryokai (voz off): Eu tive a ideia de construir um túnel, ligando uma extremidade à outra do despenhadeiro. Assim, ajudaria todos os viajantes que passassem por aquele perigoso caminho.

(Entram Jovem I, Jovem II, Jovem III, mais velhos, com seus bigodes e cavanhaques. Trazem menor quantidade de tijolos, arroz e ouro, respectivamente. Olham para a sombra de Ryokai, que cava incessantemente)

Jovem II: Esse Ryokai não bate bem da bola! Construir um túnel nessa montanha de pedra!?

Jovem III: Já está lá há anos e não cavou nem um metro ainda!

Jovem I: É impossível atravessar a montanha! É ridículo querer furar a rocha com uma pá!

Saem.

Ryokai: (Voz off): Apesar de ninguém querer me ajudar, eu não tirava aquela ideia da cabeça. Durante muitos anos trabalhei sozinho dentro da caverna, vivendo das esmolas que me davam por pena. Mesmo assim, me sentia feliz. Enquanto cavava, lembrava. Tive saudades de minha mãe, mas não adiantaria mais voltar.

(Entram Jovens I, II e III, mais velhos, já barbudos. Cada qual agora puxa sua carroça. Elas, no entanto, estão vazias. Jovem I não tem tijolos amarrados à cintura. Jovem II não traz seu saco de arroz. Jovem III não usa joias)

Jovem I: É realmente impressionante a devoção inabalável desse Ryokai.

Jovem II: Quanto tempo desperdiçado...

Jovem III: Vai acabar sua vida neste trabalho inútil.

Jovem I (Para II): Como vão as coisas em casa?

Jovem II: Não temos a mesma fartura de antes, sabe como é.

Jovem III: Com tantas mortes, ninguém se arrisca mais a atravessar a montanha.

(Saem empurrando suas carroças. Jovem II de marcha à ré. Ouve-se em off, num crescente, a respiração e o coração de Ryokai. Sua sombra acelera muito o movimento de cavar até que, exaurida, tomba no chão. O som para. A sombra de Velha aparece atrás do pano violeta, próxima à de Ryokai. Ela traz dois sacos agora. Apoiá-os no chão e toca Ryokai, que senta-se como na cena do chá. Pela primeira vez ouvimos a voz de Velha em off. Os diálogos a seguir serão em off)



RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Velha: Ryokai...

Ryokai: Quem é você?

Velha: Não me reconhece?

Ryokai: Desculpe, minha vista está muito cansada depois de tanto tempo no escuro.

Velha: Quer chá?

Ryokai: Sua voz está tão perto agora.

Velha: Desta vez vim buscar você.

Ryokai: Eu não consegui, não é?

Velha: Como assim? Você não viu?

Ryokai: O quê?

Velha: Você chegou, Ryokai. Chegou do outro lado!

(As sombras somem. Ouve-se música muito alegre. Entra em cena o dragão colorido que puxa a cortina violeta, desvendando um fundo alaranjado de doer a vista. É primavera. Campo de flores no palco. Dança e festa. Muitas sombrinhas japonesas em movimentos de rotação, bandeiras, fitas, alegria. Mesmo sem sombras, continuamos ouvindo as vozes em off)

Velha: Graças à sua persistência, a alegria voltou a esta cidade. Eles vão chamar o túnel de "Túnel da Esperança". Você mostrou mesmo que a pá remove montanhas!

Ryokai: O ditado não é bem assim.

Velha: Eles nunca esquecerão de você. Sabe, isto é bem melhor que colecionar sapatos!

Ryokai: Eles vão lembrar de mim para sempre?

Velha: É seu bobo! Você descobriu que o lugar onde não se morre são os outros!

Ryokai: Os outros?

Velha:- A lembrança dos outros!



RYOKAI E O LUGAR ONDE NÃO SE MORRE

Texto de Antonio Karnewale

Dragão sai pela plateia jogando flores para os espectadores. Sobram em cena flores pelo chão e um boneco igual à Ryokai.

F I M

Rio de Janeiro, Outubro de 2001.

Obs.

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor, ou da entidade detentora de seus direitos autorais. Texto registrado na Biblioteca Nacional.

Contato do Autor: antoniokarnewale@gmail.com

Contato CBTIJ: cbtij@cbtij.org.br